



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

HILDEANA NOGUEIRA DIAS SOUZA

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-683

Entrevistada: Hildeana Nogueira Dias Souza

Nascimento: 13/04/1977

Local da entrevista: SESC - Castanhal/PA

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 05/05/2016

Transcrição: Kenia Gouvea Garrafiel

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 25 minutos e 11 segundos

Páginas Digitadas: 12 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Começo no Programa Esporte e Lazer da Cidade em Castanhal; Estrutura utilizada; Atividades desenvolvidas; Horários dos bolsistas e monitores; Horário das atividades; Localização do bairro; Faixas etárias; Trabalho com os idosos; Rotina no Projeto; Formação; Materiais; Habilidades de cada professor; Dança; Dificuldades e benefícios; Impacto após o término; Questões políticas; Escolha por Castanhal; Salários atrasados; Vida profissional após o Programa; A experiência que o Programa proporcionou.

Castanhal, 05 de maio de 2016. Entrevista com Professora Hildeana Nogueira Dias Souza cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Então professora, primeiro muitíssimo obrigada pela disponibilidade por receber a gente. Atrapalhar um pouquinho o seu trabalho. E eu queria que você começasse falando da sua formação.

H.S. – Bom, a minha formação é em Educação Física e eu tenho duas pós-graduações, uma em Gerontologia, que estuda o envelhecimento humano, e uma em Pedagogia da Dança.

C.M. – As suas formações foram aqui?

H.S. – Sim. Na UFPA, Universidade Federal do Pará, em Educação Física. A pós-graduação em gerontologia foi pela FACINTER¹, através de uma faculdade aqui também no Pará, em Belém. E a pedagogia da dança foi pela FIBRA, também, Faculdade Integrada Brasil Amazônia.

C.M. – A UFPA aqui de Castanhal²?

H.S. – Sim.

C.M. – Como você se envolveu com o PELC³?

H.S. – Ele foi o meu primeiro emprego. Eu saí, da formação em 2004, foi de 2000 a 2004 minha graduação e em 2004, assim que eu saí da universidade, eu recebi o convite para trabalhar nesse projeto, no PELC, e entender melhor o que era o PELC e para assumir logo um pólo. Então ele era eram quatro polos. Eu me lembro bem, era polo da UFPA, polo do Estrela, e tinha o polo de Santa Terezinha que era um bairro periférico, bem periférico da cidade que era Jaderlândia. Bairro de Jaderlândia.

¹ Centro Universitário Internacional.

² Cidade do Pará.

³ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

C.M. – E quem te chamou? Esse convite foi da onde?

H.S. – Eu recebi o convite, recebi o convite da professora Ruthinere Farias⁴ que iria coordenar o PELC. Era coordenação do PELC. Nós éramos quatro coordenadores de polo e dos quatro, três eram colegas de faculdade, do curso de Educação Física. Eu, professor Nailton⁵ e a professora Ruthinere que assumiu a coordenação e o Professor Xepão⁶ que assumiu o polo da UFPA.

C.M. – O Xepão é o Jefferson?

H.S. – É. Isso.

C.M. – Nesse início, qual que era a proposta que vinha do Ministério⁷ para vocês implantarem aqui?

H.S. – A proposta era a gente trabalhar, no caso nosso polo num bairro bem carente, trabalhar o esporte e lazer na rua. E nós fizemos uma parceria com uma instituição que chama Santa Terezinha de freiras, coordenado por freiras lá no bairro, esse bairro de Jaderlândia e aonde ali já desenvolvia um trabalho com idosos, com crianças, com menores. Lá dentro eles tinham a casa da sopa, eles tinham berçário, eles tinham uma estrutura básica que nós precisaríamos que era um galpão de madeira e trabalharmos na frente na calçada também, na frente desse galpão. Então eles fizeram essa parceria para que a gente oferecesse esse serviço ao público já atendido por eles, dentro de um espaço muito agradável, eu acho que dos quatro polos, o polo Santa Terezinha era um que tinha uma estrutura bacana, onde o piso era alajotado, onde você tinha uma salinha para receber as pessoas. Você tinha um ambiente muito caprichado, porque eram pelas freiras e nós tínhamos além desse público, também uma atenção especial de parceria com essas freiras do grupo Santa Terezinha, então assim, uma estrutura você tinha água, você tinha onde gelar essa água, uma estrutura básica para se funcionar o projeto. Era bem interessante.

⁴ Ruthinere Ribeiro Farias

⁵ Nailton Nazareno Carvalho de Oliveira.

⁶ Jefferson Alves Teixeira.

⁷ Ministério do Esporte.

C.M. – E quais as atividades aconteciam nesse polo?

H.S. – Nós realizávamos um encontro com idosos, nós oferecíamos ginástica para os idosos. Nós oferecíamos teatro para as crianças. Nós oferecíamos dança, esporte, algumas atividades e recreação mesmo de brincadeiras, brincadeiras de rua, brincadeiras adaptadas. Eram essas as modalidades se não estou enganada... Ah! Em 2004. Faz tanto tempo [risos].

C.M. – Faz tempo.

H.S. – É.

C.M. – Na estrutura, vocês tinham essa estrutura, vocês podiam organizar todos os horários?

H.S. – Nós tínhamos horários para fazer. Então foi feito um processo seletivo de estagiários. Então nós tínhamos estagiários que trabalhavam com gente de manhã... Nós trabalhávamos em tempo integral, era de manhã e tarde. E nós tínhamos estagiários da manhã que faziam faculdade a tarde e estagiavam de manhã, e tinham os estagiários que trabalhavam à tarde que faziam a faculdade de manhã. Então lá a gente só poderia trabalhar até às dezoito horas. Então funcionava de oito a meio dia e das quatorze as dezoito.

C.M. – E vocês podiam organizar o horário do jeito que vocês queriam ou o espaço era ocupado por outras atividades também das freiras?

H.S. – Não. Tinham as atividades e a gente tinha que se adequar. Elas cederam alguns espaços, por exemplo, para trabalhar a ginástica com os idosos, para trabalhar recreação, a gente trabalhava em uma calçada grande em frente, cimentada em frente do barracão. Tínhamos o barracão que maior parte do tempo era cedido para que a gente pudesse desenvolver as atividades, mas quando tinha assim, alguma atividade grande delas, uma reunião de pais, então a gente se adequava. Mudava o horário ou ia para outro espaço, utilizava um espaço de uma escola pública na frente da sede do pólo, tem uma escola pública e a gente realizava as ações também lá, onde realizava as aulas de educação física. A gente acaba utilizando esse espaço também.

C.M – Você já tinha contato com essa comunidade antes?

H.S. – Não. Foi a primeira vez. E foi *muito* interessante porque esse bairro, na época e ainda hoje é considerado, mesmo que se passando dez anos, o bairro mais perigoso da cidade. O índice de criminalidade nesse bairro é muito alto, então nós convivemos com algumas crianças que já estavam no mundo do crime e que se não estavam iriam entrar com certeza. Então o impacto foi muito grande, porque eu me lembro que tinha reuniões de pauta aonde a pauta era uma criança de lá que estava trazendo inúmeros problemas. Então a gente era temeroso, nós não tínhamos... para falar a verdade, éramos muito corajosos, mas era um bairro muito perigoso... Era o finalzinho, era no final desse bairro que é um bairro grandioso onde só não tem hospital, mas encontramos tudo, todas as coisas naquele bairro. Tipo assim quem não quiser sair do bairro não precisar sair, porque oferece tudo, só não tem hospital mesmo, mas tem até a prefeitura a mini prefeitura e tudo mais. E aí o que acontece? a gente não tinha... éramos muitos jovens e inclusive eu, todos os estagiários muito jovens destemidos, nós íamos para lá sem preocupação, nunca aconteceu nada conosco, mas era um bairro bem arriscado, bem periférico da cidade.

C.M. – E do público do projeto você falou adulto, idoso, criança, tinha jovens?

H.S. – Eram crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Atendíamos todos, porque nós tínhamos também, eu me lembro bem, aulas de artesanato, e aí nós tínhamos estagiários que trabalhavam a proposta, também tinha artesanato para a comunidade. E aí a gente desenvolvia com vários recursos. Eu não sei se você ainda vai me perguntar, mas nós tínhamos, tivemos problemas seriíssimos com material, com recurso material.

C.M. – As atividades eram separadas por faixa etária?

H.S. – Sim, por faixa etária. Por faixa etária.

C.M. – Tinha atividades que participavam diferentes idades?

H.S. – Não, eram por faixa etária. Nós trabalhávamos de, por exemplo, de cinco, seis, sete anos. Depois oito, nove e dez. Idosos, adultos e tudo mais. Só não, jovens, adultos e idosos, mas as crianças eram por faixa etária, tinham as turminhas.

C.M. – E a ideia dos idosos veio porque já se tinha algum trabalho?

H.S. – Porque se tinha o trabalho. Não era uma realidade dos outros pólos trabalhar com idosos, mas como na parceria de cessão do espaço já tinha os idosos e a minha experiência também em trabalhar com idosos, a gente acabou desenvolvendo. Então tinha a ginástica, tinha palestras, seminários para eles, eles trabalhavam também na parte de artesanato, enfim. Porque já tinha esse trabalho e a gente ia acabar na parceria desenvolvendo também com eles.

C.M. – E tinha mais mulheres, mais homens?

H.S. – Mais mulheres. Mais mulheres, entre os idosos nós tínhamos dois homens só, eu acho que era um grupo de trinta, trinta e cinco idosos e nas crianças era para variado assim, não era mais mulheres, era uma quantidade assim bem equilibrada entre meninos e meninas.

C.M. – E de adolescente?

H.S. – Adolescente também, meninos e meninas...

C.M. – Equilibrado

H.S. – Bem equilibrado.

C.M. – Tinha alguma relação com alguma escola, além desse uso do espaço de trazer crianças, adolescentes da escola, levar?

H.S. – Não. Essas crianças eram moradoras do bairro e alunos das escolas próximas aonde a gente... Nesse bairro só tinham duas escolas públicas municipais, entendeu? E nosso público eram essas crianças. Grande parte era da escola pública do bairro.

C.M. – Eu queria que você falasse um pouco das suas funções e da rotina do projeto? Você acompanhava todas as atividades, você ia de manhã, de tarde?

H.S. – Eu ia de manhã e tarde, acompanhava a princípio todas as atividades sim. As vezes aconteciam de alguma ação, por exemplo, alguma culminância da semana, do mês, a noite, as vezes não dava para a gente ir, mas eu era bem participativa dentro do projeto. Até porque era meu único emprego na época e a gente dava, vestia a camisa mesmo e fez acontecer. E a minha, meu horário era de manhã e de tarde e a gente sempre acompanhava assim tudo, até porque nós tínhamos que ter momentos com os estagiários de avaliação, de treinamento e tudo então a gente tinha que estar presente. E as broncas eram muitas, os problemas, então a gente sempre tinha que estar lá para resolver, para intervir de alguma forma.

C.M – E entre a equipe, lembra quantos mais ou menos eram?

H.S. – Ai! Vamos lá. É, nós tínhamos dois ou três pessoas de Letras envolvidas, dos de Letra, dentro da graduação de Letra era recreação, o teatro e do artesanato, nas artes. Nós tínhamos dois de Educação Física um que trabalhava mais na linha da ginástica e outro trabalhava na linha do esporte e da dança. Nós tínhamos duas na área da Pedagogia, que trabalhavam também junto com a recreação e do esporte. Então eu acho que era uma equipe, dois, quatro, de oito se eu não estou enganada era uma equipe de oito pessoas, era mais ou menos isso.

C.M – Teve seleção?

H.S. – Teve um processo seletivo... Teve algumas indicações e tudo, mas houve sim um processo seletivo só para fazer uma entrevista, eu acho que análise de currículo para ver a questão da identidade de cada um com projetos sociais ou não só experiência.

C.M. – E teve alguém da comunidade ou foram só as pessoas da universidade?

H.S. – Da comunidade envolvido como voluntário?

C.M. – É.

H.S. – Não. Só da universidade. Não tivemos voluntários da comunidade não.

C.M. – Em relação aos materiais, como eram? Vocês receberam?

H.S. – Olha, nós recebemos, mas foi muito difícil porque os primeiros materiais chegaram depois de quatro meses e quando vieram duraram pouquíssimo tempo porque eram de péssima qualidade. Eu me lembro bem de bolas que a gente utilizava uma semana e já não prestavam mais para nada. Ou elas estouraram ou... Materiais de péssima qualidade mesmo e demorou muito para chegar. Vou dizer uma coisa foi um processo muito difícil, foi ruim nessa parte, mas foi muito bom porque estimulou a criatividade desses profissionais, estudantes e eles. Nós fizemos muita coisa, nós construímos junto com os alunos muitos materiais. Então dos nossos jogos, nossas brincadeiras a gente construiu, de fato foi uma escola, porque foi com muito sacrifício que a gente construiu com ajuda dos alunos e se consegui tampas de garrafa, garrafa, corda, restos de material, madeira e os próprios pais nos ajudaram a construir muita coisa. Então foi interessante nessa parte, porque foi uma grande lição de vida mesmo ali [risos], de criatividade, mas assim em relação ao material foi bem difícil, porque era muito... Era pouco, precário e não era de qualidade, e demoravam muito para chegar, muito mesmo.

C.M. – As atividades esportivas, elas eram muitas ou mais a ginástica?

H.S. – Não. Era dentro, dentro da esportiva tinha a ginástica, dança e era mais de brincadeiras mesmo. Eu me lembro muito que você dava aquelas brincadeiras nas ruas de lazer. Nós fizemos muitas ruas de lazer. Nós fechávamos a rua do bairro, as grandes ruas do bairro, marcava aquelas ações pontuais de ruas de lazer e desenvolvia lá dentro. E aí a gente convidava os outros polos para participar também. Às vezes tinham, encontramos todos os polos nas ruas de lazer.

C.M. – Nessas ruas aconteciam que atividades?

H.S. – Ah! Aí era amarelinha, era pular corda, era gincana, era queimada, era ruas de lazer. Era muito a vontade assim sabe? Algumas coisas adaptadas e outras não. Eu via muito como habilidade de cada professor. Eu via assim que cada polo tinha a sua especificidade, um polo com o professor Xepão, ele é muito voltado para com a questão política e tudo mais ele já fazia seminários, palestras, não sei o que. Era uma coisa mais assim, discussões, mesas redonda. O meu, como tinha mais trabalho com idoso e com a dança, com a ginástica, era mais para esse lado. O outro com professor Nailton, tinha muita habilidade com esporte, com handebol e já puxava mais para o esporte. Então eu via assim cada um tinha essa especificidade e acaba desenvolvendo. Lógico que a gente não fugia da proposta que era o projeto, mas cada um puxava dentro do seu ramo.

C.M. – Aproveitando deixa eu te perguntar. Como que era a dança? Que tipo de dança era trabalhada?

H.S. – Era dança inclusiva, era dança criativa, porque a gente não visava a performance. E tinha que ter inclusão mesmo, então era dança criativa dentro dos movimentos que a gente trabalhava dentro do cotidiano. A dança criativa era uma proposta *bem* bacana de construção. Eu me lembro que a gente fazia muito estudo coreográfico com essas crianças de construção mesmo. Muito interessante. Eles formavam pequenas coreografias, as vezes comandados por eles mesmo, organizados por eles, de apresentação. Muito interessante.

C.M. – Você participou de alguma formação para trabalhar no projeto?

H.S. – Não. Nenhuma.

C.M. – Alguma discussão?

H.S. – Nenhuma. Nenhuma formação. Especifica não. Nós tínhamos as nossas reuniões por grupo, com a nossa coordenadora que era a Ruthinere Farias, nós tínhamos as nossas discussões em cada e tínhamos aquelas reuniões com todos os polos reunidos,

coordenadores e monitores ou estagiários, mas treinamento, treinamento específico que tinha o palestrante vindo lá do Governo Federal, nada, nenhum.

C.M. – Quais eram as maiores dificuldades que vocês encontraram no projeto?

H.S. – As dificuldades... Tinha um certo ponto em relação a credibilidade para as parcerias envolvidas, porque você sabe que quando a gente trabalha com parceria a gente tem a contrapartida. Então como eles eram muito bem organizados, o polo que eu trabalhava, pelas freiras e tudo mais, então eles, tipo assim, sentiam uma certa desorganização por parte do projeto como um todo, quando eles viam que a gente não tinha material, não chegavam, então nos questionavam isso. Questionavam com algumas ações, algumas propostas que fizeram antes e que não ocorreram em relação à estrutura mesmo, a contrapartida para essa estrutura de parceria. E essas foram as grandes dificuldades. E benefícios eles foram inúmeros, eu acredito que nós até hoje encontramos, hoje, aquelas crianças que eram adolescentes que iam entrar o mundo do crime sem dúvida e que a gente deixou nosso recado, nós fizemos amizade. Tem pessoas que se relacionam até hoje, de crianças que hoje já são adultos, idosos, encontrei algumas crianças agora, recentemente, que na época era crianças que agora já estão adolescente e adultos mesmo: “Tia, lembra de mim?” Eu falei: “Ah! Deixa eu ver. Como é que...” “Lá do PELC. Lá do Santa Terezinha. Olha não sei o que. Eu entrei na Marinha, eu estou fazendo exército, estou servindo o Exército”. Aquelas crianças que realmente a gente via e que se não tivessem um apoio eles talvez estariam em outro, outras situações hoje. E a gente conversava muito com essas crianças, nós tivemos uma relação bem legal, eu acho que essas foram as, os benefícios eu nós trouxemos para aquela comunidade. Eu acredito que foram muitos.

C.M. – E o impacto também para as práticas de esporte, de dança, para a comunidade você acha que o projeto conseguiu trazer isso?

H.S. – É. Eu acho que grande impacto não. Digamos que na época foi legal ter um projeto do Governo Federal, bacana e tal, com uma proposta. Não sei se o impacto... eu acho que o impacto mais para a vida dessas crianças, para a vida das pessoas que usufruíram de uma certa forma do projeto com certeza lembram até hoje. Se passaram dez anos, mas lembram porque quando acabou o impacto também foi grande: “Mas vocês vão embora? Mas por

que? E como é que a gente vai ficar? Como é que vai ser?”. Eu sinceramente desconheço algum projeto social que tenha vindo depois da gente lá para aquela comunidade. Nós temos alguns CRAS⁸ que trabalham hoje, nós temos os CRAS que é o Centro de Referência, mas projeto social igual ao PELC veio na época assim eu não consigo visualizar. Então foi um impacto na vida dessas pessoas atendidas, foi um impacto quando nós terminamos o projeto, mas eu acho que para a cidade como um todo. Até porque a gente não tinha apoio do Governo que era um Governo contrário. O Governo municipal na época era um Governo contrário à proposta do Governo Federal, então eles não viam isso com bons olhos, então a gente não tinha ajuda da prefeitura com parceria. Se tivéssemos era, mas não tínhamos principalmente porque era contrário o Governo e tudo. Então assim, sinceramente, na época muitas pessoas se perguntaram porque eu e Nailton, nós não éramos partidários, nós não éramos militantes, mas nós fomos convidados por conta de muito trabalho que gente desenvolveu, pelo reconhecimento dos trabalhos que a gente já havia desenvolvido na vida acadêmica. Eu acho que isso foi interessante porque se não eles poderiam pegar todo mundo da época do partido “Não, só vai entrar nesse projeto militante” blá blá blá. Não, nós estávamos ali, nós não éramos militantes, nós não éramos partidários e desenvolvemos o nosso trabalho. Eu achei isso muito interessante e foi um questionamento para muito coordenação geral, para Belém, para todo mundo “Por que que eles estão ali se eles não são militantes, eles não são do PT⁹, eles não são..? E eles estão desenvolvendo...”. E desenvolvemos nosso trabalho muito bem, eu acredito que foi assim bom trabalho.

C.M. – Você sabe tinha algum, algumas explicações de porque Castanhal foi escolhida para esse primeira leva do projeto, do Programa?

H.S. – Eu acredito que por conta da nossa política mesmo, das pessoas que, não me engano, na época, era deputada estadual professora... Araceli Lemos acredito que por ser também do partido militante. Professora acho que deputada era Araceli, professora Araceli, na época era deputada e ela teve uma força grade para se trazer o projeto para... Eu acredito que foi político, viu? Acredito que foi questões políticas a época que trouxe para cá. Acredito que sim.

⁸ Centro de Referência da Assistência Social.

⁹ Partido dos Trabalhadores.

C.M. – E Castanhal, você disse que depois não teve, mas antes tinha algum projeto da prefeitura ou acesso público?

H.S. – Sim, a prefeitura sempre teve, a prefeitura sempre teve projetos, alguns programas de esporte, lazer que envolvem crianças, como ainda tem até hoje. Mas assim, do Governo Federal na época... Tem um projeto, eu estou tentando lembrar o nome dele, também do Governo Federal que surgiu em paralelo ao PELC.

C.M. – Das escolas? Nas escolas?

H.S. – Em instituições. Era Atleta do Futuro. Se eu não me engano era Atleta do Futuro. Tinha esse Atleta do Futuro, tinha o PELC, tinha outros projetos assim. É, era Atleta do Futuro se não me engano, acontecendo paralelo e se tinha as mesmas dificuldades em relação a material, em relação a tudo, a pagamento. Eu me lembro que foi muito duro. Eu acho assim que precisava gostar muito para continuar nesse projeto, porque nós ficamos três meses sem receber [risos]. Nós fomos receber no quarto mês, então imagina o que que é segurar... Eu me lembro que eu não tinha nem condução e com eu comprei a minha primeira moto com esses quatro meses de salário acumulados [risos]. Primeira motinha, só para mim poder me descolar da minha casa para esse bairro que é muito distante. É um bairro, particularmente, distante. São uns três ou quatro, cinco quilômetros daqui do centro para lá, para onde acontecia. E aí segurar esses estudantes, começando a sua vida acadêmica com tantas dificuldades, se deslocar do bairro, até o momento é bem complicado assim.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]¹⁰

H.S. – Então é isso. Então assim, foi bem... Eu me lembro que esse atraso para se receber e foi um agravante assim, mas a gente conseguiu convencer, conversar muito. Eles sabiam que eles iam receber, mas essa demora foi... É, o nosso medo era eles ficarem desestimulados em estar desenvolvendo uma ação, mas graças a Deus, eu acredito que a grande parte desses estagiários, desses monitores eles entenderam bem a proposta.

¹⁰ A entrevistada conversou com uma pessoa.

C.M. – E, professora, você ficou até o final do projeto?

H.S. – Sim. Até o final.

C.M. – Depois você trabalhou com o que?

H.S. – Depois de lá eu fui trabalhar na prefeitura. Eu trabalhei também no SESI¹¹ ainda na área e aí fiquei por um tempo trabalhando na área da Educação Física, e agora estou aqui no SESC¹² trabalhando com idosos que é a minha formação, a oito anos aqui estou, a oito anos.

C.M. – Professora tem mais alguma coisa sobre o projeto que você acha importante registrar? Tanto do trabalho como significado que esse projeto...?

H.S. – A experiência. Para mim foi a minha primeira experiência. Imagina que é você sair de uma graduação e eu fiquei assim muito lisonjeada em ser convidada porque eu descobri a minha capacidade. Poxa, eu venho... Imagina o que é você ter colegas monitores que eram da sua turma e que não se formaram no mesmo período que você. E você estava no papel de coordenação de pólo e você ter estagiários, colegas seus da turma que não se formaram. Então teve essa situação e eu me senti muito responsável. Eu aprendi muito e eu acho que grade parte do que eu trago hoje da minha, do meu envolvimento e uma certa facilidade em trabalhar com recursos humanos, trabalhar em equipe veio de lá do projeto, sabe? Dessa experiência que eu trouxe em trabalhar, nova de uma certa forma, com pouca experiência de trabalho ou nenhuma, mas que eu consegui fazer uma avaliação que essas pessoas faziam em relação a mim, porque a gente fazia em relação a eles e eles faziam em relação a gente. Eu acho que trouxe na minha bagagem mesmo de vida acadêmica e tudo mais uma grande experiência.

C.M. – Então, professora, é isso. Muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹¹ Serviço Social da Indústria

¹² Serviço Social do Comércio